

Brasília, 26/5/2026 - ANO 64 DO CEPLAN E DA UnB

Local da Palestra: Auditório Jaime Golubov da FAU - UnB

Título: Moradias de Professores, Servidores Administrativos e Alunos de Pós-graduação, localizadas na Colina Nova da área NW do Campus Darcy Ribeiro / Articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão
Prof. PAULO MARCOS PAIVA DE OLIVEIRA, Arquiteto e Urbanista - CAU A7822-9

PROJETO DE EXPANSÃO DA ÁREA RESIDENCIAL DA COLINA – UnB – Campus Darcy Ribeiro

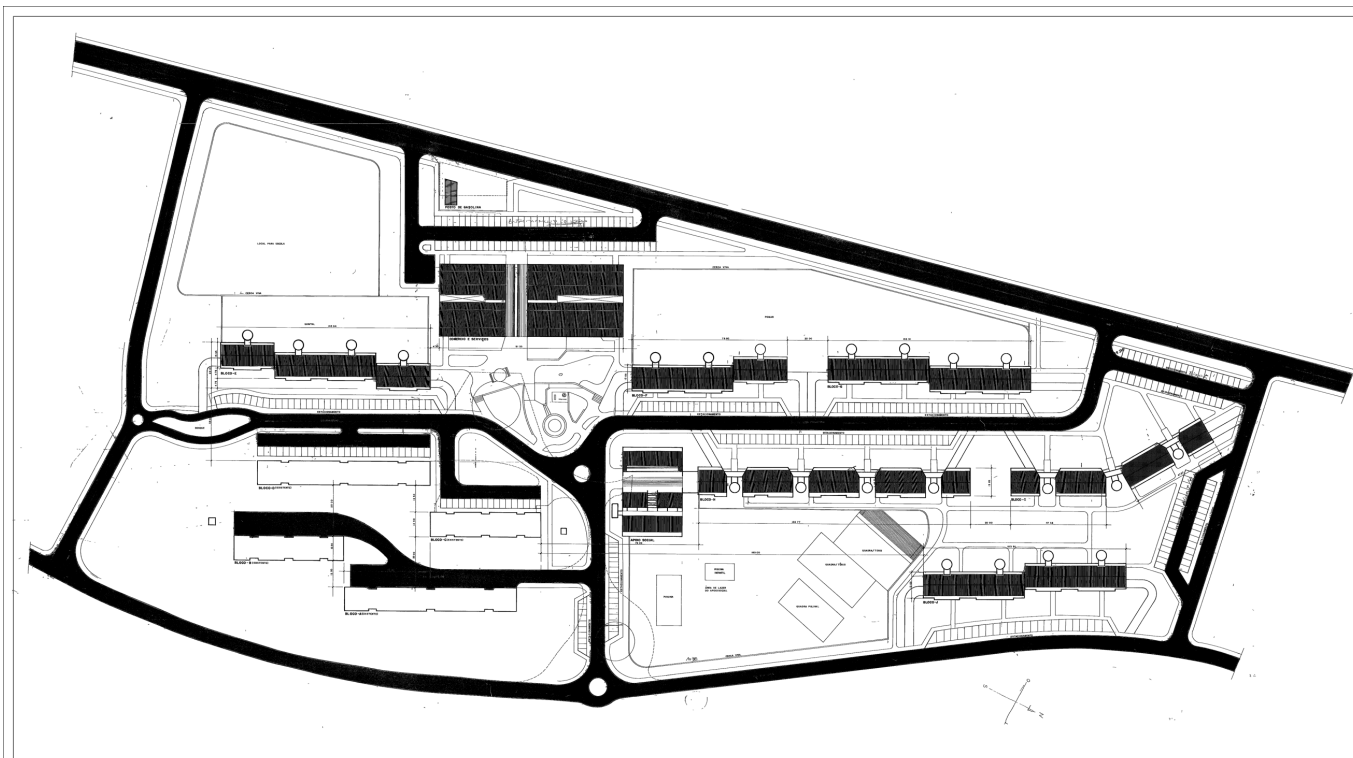


Figura 01: Planta de Situação da Expansão da Colina, vendo-se as edificações previstas inicialmente: blocos E, F, G, H, I, G e o bloco K que inicialmente era destinado somente a comércio e serviços. Também estava previsto um bloco chamado de Apoio Social, espécie de clube para os moradores, onde estão 3 salões de festa, salões de jogos de mesa etc. Na praça da Colina estavam previstos ainda um coreto e uma fonte permitindo interação com água, sem lago e para uso das crianças.

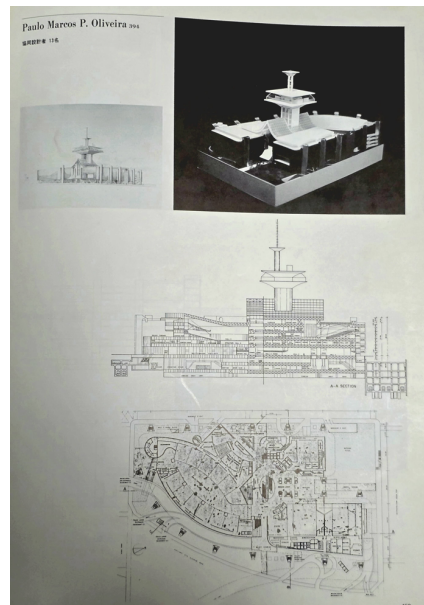
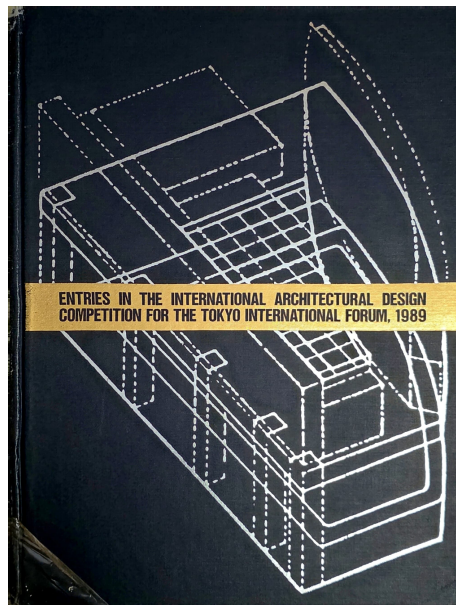
COLINA NOVA - Edifícios residenciais de 6 +P+G pavimentos, sendo os blocos E, F, G, H, I, J – inaugurados em 1987. Arq. e prof. Paulo M. Paiva de Oliveira, com a colaboração dos arquitetos Gilson Paranhos e Paulo Paranhos (ex-alunos na UnB) e de inúmeros estagiários de graduação, funcionando o CEPLAN próximo ao modelo de ser um órgão de prática profissional. Também foram vários os desenhistas profissionais que passaram para o papel vegetal e nanquim o material produzido originalmente a grafite e papel manteiga. E o edifício de Alojamentos para alunos de pós-graduação – em 3 pavimentos, com a colaboração do Arquiteto Silvano S. Pereira (também ex-aluno, inaugurado em 1995)

1. Formação e vida profissional

- 1.1 Curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFPe - Universidade Federal de Pernambuco
- 1.2 Curso de pós-graduação: Aperfeiçoamento em Desenho, realizado no Departamento de Desenho do Instituto de Artes da UFPe: 2º 75 e 1º 76.
- 1.3 Lecionei – como colaborador, disciplinas de desenho no curso básico introdutório para alunos dos cursos de Arquitetura, Engenharias, Física etc. no 2º 76.
- 1.4 Lecionei disciplinas de Conforto Térmico Ambiental , de Conforto Acústico e de desenho no Curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, contratado como professor Colaborador de 1º76, 2º76, 1º77 a setembro de 1977.
- 1.5 5º lugar no Concurso Nacional de Arquitetura para o Pavilhão de Exposições de Recife-Olinda, em equipe com a profa. Elizabeth Raulino e Iram Rocha, em 1976.
- 1.6 Contratado como professor Colaborador para lecionar no Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Artes, Arquitetura e Urbanismo da UnB a partir de novembro de 1977, inicialmente lecionando a disciplina de Conforto Ambiental com 6 créditos para duas turmas, em aulas intensivas até terminar os 6 créditos exigidos. Posteriormente, passou-se a adotar o Currículo Novo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, quando a disciplina de C. A. foi desdobrada em C. Térmico Ambiental (4 crédl.), C. Ambiental Acústico e Conforto A. Luminoso, passando a lecioná-las, junto com o prof. Márcio Villas Boas e profa. Rosana Clímaco. Lecionou ainda várias disciplinas deste curso de graduação – incluindo disciplinas de projeto como PA-5, PA-6 e Projeto de Diplomação. Também chegou a lecionar a disciplina de Espaço e Meio Ambiente no Mestrado, pós-graduação e disciplinas no curso de Especialização a distância coordenado pelo prof. Neander Furtado.
- 1.7 1º lugar em Concurso de Arquitetura para a sede do CREA-DF em 1980 (os arquitetos ainda eram filiados a esta instituição). Em equipe com Profa. e arq. Christina Jucá, sendo Paulo o autor principal.
- 1.8 **Figura 2:** Capa e primeira parte de artigo sobre “A Proposta Vencedora em Brasília – 1º lugar, Paulo Marcos Paiva de Oliveira – Revista Projeto



- 1.9 1º lugar no Projeto de Edifícios Residenciais de 2 e de 4 quartos no Concurso Interno da Cooperativa Habitacional do Sindicato dos Engenheiros de Brasília - 1982 em equipe Cristina Jucá, com Ribas, Otto Toledo Ribas e outros colegas, como Jaime Golubov e Danilo Barbosa.
- 1.10 Mestrado em Planejamento Urbano, no IAD da Universidade de Brasília em 1985.
- 1.11 Projeto de Expansão da Área Residencial da Colina – Unb em duas etapas: Projeto de 6 Edifícios de 6 andares sobre pilotis e garagens no subsolo (blocos E, F, G, H, I e J) destinados a Professores e Técnicos Administrativos, 1985/1986.



- 1.12 Participação no Concurso TOKIO INTERNATIONAL FORUM, INTERNACIONAL DESIGN COMPETION. Tokio, Japão, 1989. Projeto publicado no livro com todos os participantes do mundo todo; poucos brasileiros. Licencieme e passei uns 6 meses desenvolvendo o

anteprojeto, com vários colaboradores da FAU, professores e alunos. Infelizmente fui prejudicado por problema de falha da companhia transportadora que enviou a maquete que chegou quebrada no Japão e os originais impressos a nanquim foram para Londres; descoberto o erro foram reencaminhados Para Tokio, mas, o prazo de entrega tinha vencido. No entanto, ainda publicaram o projeto nestes Anais.

- 1.13 Edifício Residencial de 3 andares (bloco K) para estudantes de pós-graduação da UnB. 1992/1993.
- 1.14 Aposentado da UnB por tempo de serviço em março de 2015.
- 1.15 Lecionou disciplinas no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIPLAN – localizado em Águas Claras – DF, de março 2015 a dezembro de 2019.

2. Projetos de Expansão da Área Residencial da Colina no Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília.

2.1 Introdução:

Atendendo a Reivindicações de Professores - através da ADUnB -, e de funcionários da UnB por seu sindicato ASFUB - Associação de Servidores da FUB, à Reitoria da UnB cuja direção máxima era exercida pelo primeiro reitor da UnB votado e escolhido pela comunidade acadêmica e aprovado pelo Conselho Superior da da UnB, foi pedido ao CEPLAN a feitura de projetos de desenho urbano e arquitetônico; a partir dos quais foram desenvolvidos os demais projetos complementares de estruturas, instalações sanitárias e de iluminação.

Circunstância nacional: depois da eleição de Tancredo Neves para presidente e de José Sarney para seu vice, eleição indireta realizada pelo Congresso Nacional. Tendo morrido Tancredo Neves antes de sua posse, seu vice José Sarney é empossado para presidente na chamada nova democracia em 1985. Este, escolheu para ministro da educação o senador Marco Maciel (antes da ARENA). Este, tinha sido secretário de Educação e depois governador de Pernambuco. Foi este ministro que escolheu o primeiro nome da lista de indicados pelo Conselho Universitário da UnB, que foi o Prof. Cristóvam Buarque.

Obs. Nesta época, o CEPLAN – hoje Centro de Planejamento Oscar Niemeyer, era subordinado ao IAD, Instituto de Arquitetura, Urbanismo e Desenho - posteriormente alterado para FAU - UnB. Era Diretor da FAU o prof. Frederico R. B. de Holanda.

2.2 Projeto de Desenho Urbano e de Arquitetura de Edifícios Residenciais para Professores e Servidores da UnB.

2.2.1 Caracterização inicial da demanda e dimensionamento das necessidades físico-espaciais: optar-se por edifícios em altura e não por

edificações horizontais, foi uma alternativa primária do projeto, já considerada pela própria universidade diante da demanda reprimida por residências de professores e técnicos administrativos, bem como pela dificuldade de locação de unidades residenciais particulares no Plano Piloto de Brasília, principalmente para os novos professores de menores salários.

2.2.2 Antecedentes referenciais físico-geográficos e histórico:

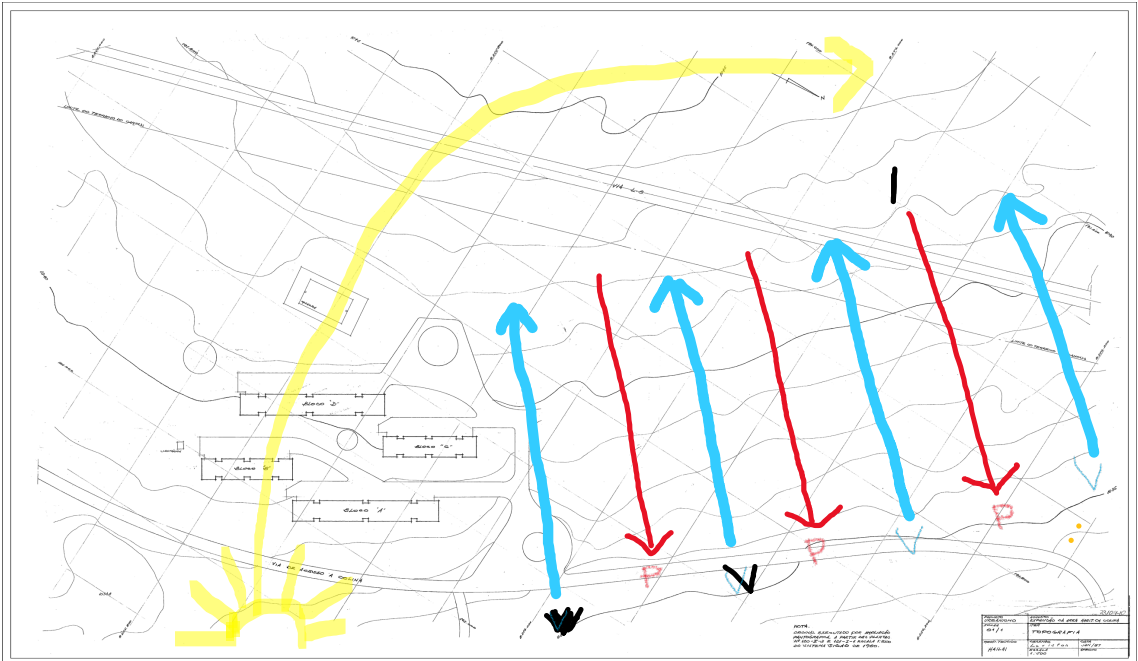


Figura 3: Planta de visualização dos referenciais físico-geográficos e climáticos com a Colina Antiga composta por quatro primeiros edifícios habitacionais construídos em 1962, localizados no NW do Campus Darcy Ribeiro da UnB, ainda na continuidade dos últimos governos democráticos pré-64.

A área geográfica da Colina apresenta pendentes voltadas primordialmente para SE; ventos predominantes vindos de SE. Clima Tropical de Altitude. Sobre esta área já tinha sido implantada a chamada Colina Antiga, composta por quatro edifícios habitacionais construídos em 1962 e projetados pelo arquiteto João Filgueiras Lima no sistema de construção pré-fabricada em concreto no próprio canteiro de obras. Passaram-se mais de duas décadas sem novas ofertas residenciais no Campus Darcy Ribeiro da UnB.

2.2.3 Referenciais teóricos:

- Chagas Ferreira, Philomena (1965): “Alguns Dados sobre o Clima para a Região de Brasília.” Brasília, UnB, Mestrado em Arquitetura. 103 p. ilustr. cópia reprográfica.
- Miller-Chagas, Ph. & Paul, P. (1980): “Configurations Urbaines: Apports Energetiques et Microclimats. Études des Espaces Exterieurs de trois Ensembles a Strasbourg.” Strasbourg, ARIAS (Association de Recherche

près de L’Institut d’Architecture et d’ Urbanisme de Strasbourg), 1980 – 9 p. ilustr. Cópia reprográfica.

- Olgay, V. (1963) Design With Climate: Bioclimatic approach to Architectural regionalism. Versão para a Colômbia (1968) e depois Publicado na Espanha (1988): “Arquitetura y Clima: Manual de Diseño Bioclimático para Arquitectos y Urbanistas”. 203p. il.

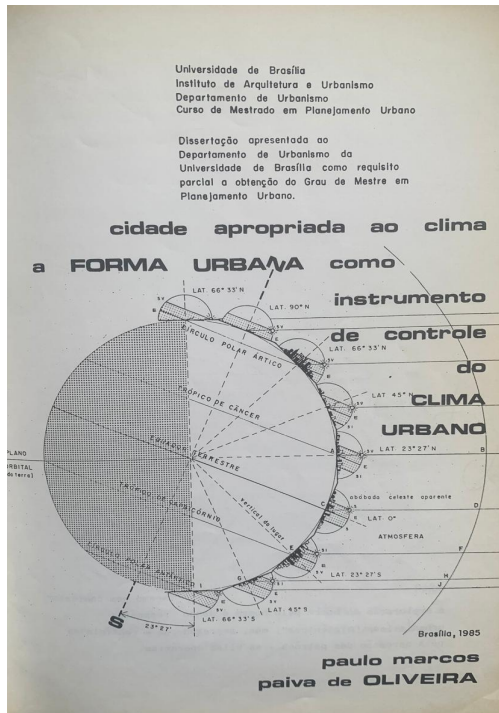


Figura 4: Capa original da Tese de Mestrado Cidade Apropriada ao Clima

- Oliveira, Paulo. M.P de (1985): “Cidade Apropriada ao Clima – A Forma Urbana como Instrumento de Controle do Clima Urbano”. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Coleção Textos Universitários; Tese (mestrado) Universidade de Brasília, 1985. 711.4:502.3 t série. Disponível digital no Catálogo de Monografias e dissertações da UnB.



Figura 5: Slide 01 do Power Point de Soares & Maciel & Ramos - Soares, Alice D.; Maciel, Ana C. P.; e Ramos, Carolina D. (): in: “Iconografia dos Edifícios em Altura: Colina Nova, Edf. Guaimbê e Residencial Wohnen Am Lohbach” – Trabalho inicial apresentado à disciplina Projeto Arquitetônico – Edifício em altura, prof. Paulo M.P. de Oliveira.

2.3 O projeto urbano

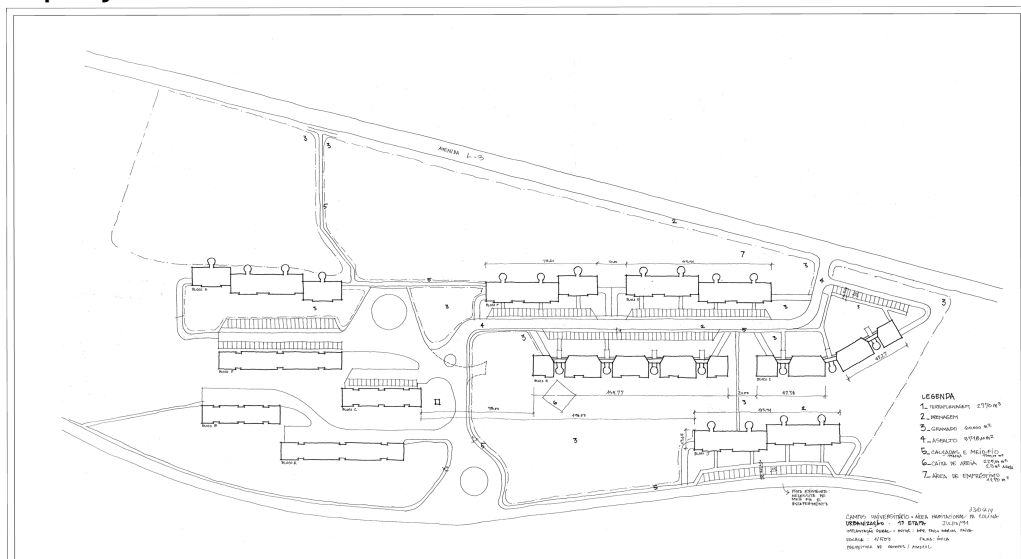


Figura 6: Planta Geral do que foi definido para ser construído em 1987

2.3.1 - É importante lembrar que o número de professores na UnB tinha crescido muito devido ao aumento de novas turmas dos cursos já existentes, começando a ter cursos e à criação de novos cursos de

graduação e pós-graduação. Também a criação de cursos noturnos incrementou esta demanda de novas professores e conseqüentemente de novas unidades residenciais.

2.3.2 - Topografia do terreno propícia a que os edifícios sejam quase na mesma cota de piso dos pilotis, com pendente do terreno propícia para caimento das águas pluviais para SE;

2.3.3 - Criação de uma praça como elemento separador e organizador dos fluxos antigos e novos e aglutinador dos usuários onde deveriam ficar pequenos comércios, coreto etc. Existe atualmente uma banca de revista que até já existia na colina antiga, e um coreto que chegou a ser projetado no local previsto inicialmente para apoio social, construído com materiais que não resistiram ao tempo, talvez por falta de manutenção.

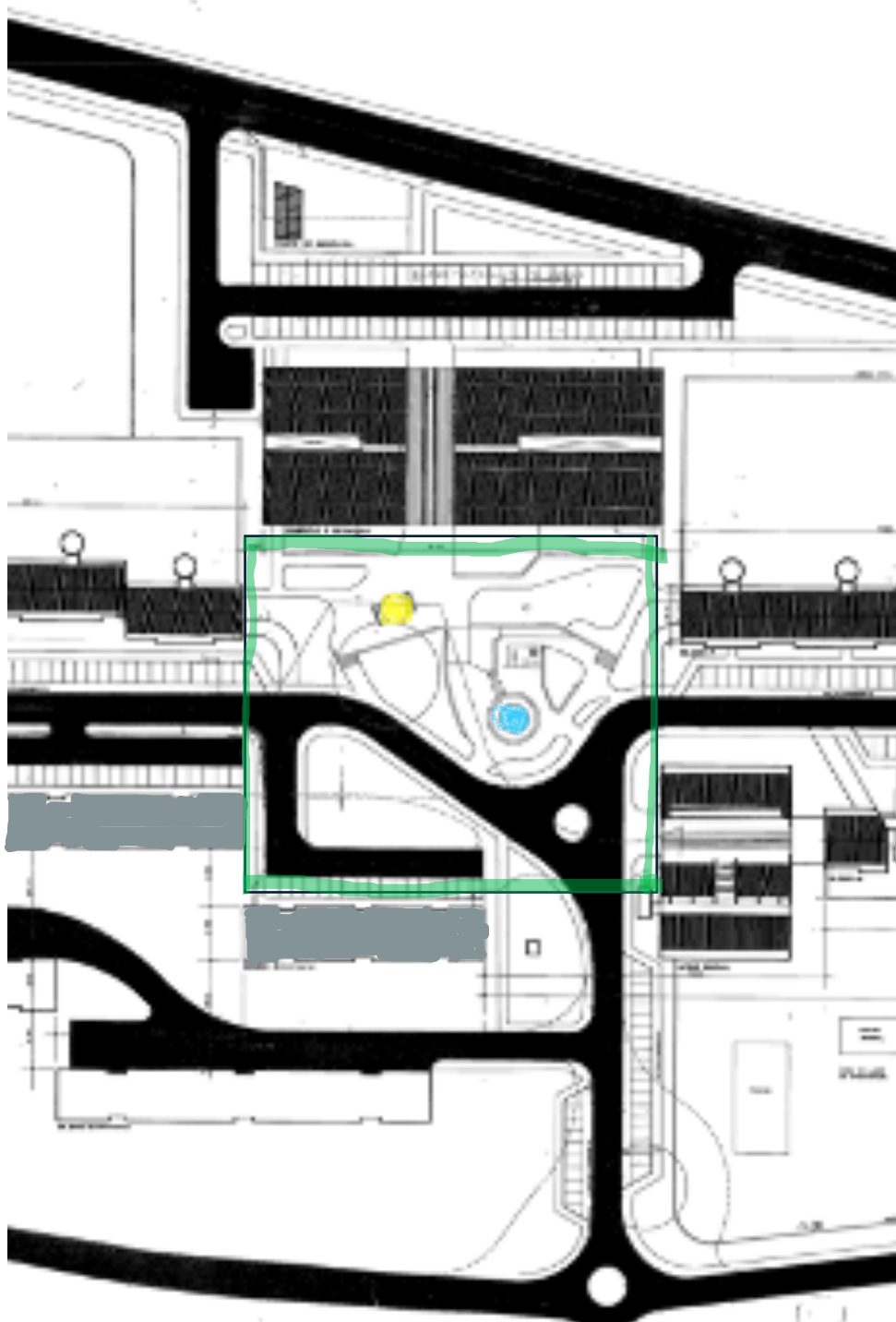


Figura 7: Praça da Colina, como pensada em 1986, definição espacial cúbica; coreto e fonte de água, além do edifício Apoio Social à direita, ainda não construídos.

2.3.4 - Mediante interação conceitual entre desenho urbano e edifícios conformadores de espaços urbanos, optei por manter o acesso de entrada a partir do campus e outra entrada ligada à L3 Norte, organizando o fluxo que interage com a extremidade da Asa Norte do plano piloto e o centro didático-pedagógico do campus universitário Darcy Ribeiro.

2.3.5 - Também foi pensada e mais bem estruturada com condições físicas e de iluminação urbana uma ligação de pedestres transversal às duas colinas entre a praça da Colina e a parte mais próxima da asa norte, cruzando a L2 Norte, antes até já sendo utilizada improvisadamente pelos moradores da Colina antiga. Esta solução foi melhor viabilizada com o projeto do bloco K de unidades residenciais em altura destinadas a alunos de pós-graduação, demanda dos alunos encampada pela reitoria alguns anos após as novas moradias de professores e técnicos administrativos.

2.3.6 - Foram pensados módulos contendo 2 apartamentos servidos por uma torre de escadas e 2 elevadores. Estes módulos apresentam ritmos e áreas equivalentes; por exemplo: a soma das áreas de 2 apartamentos de 3 quartos é igual à soma das áreas de dois apartamentos de 3 quartos.

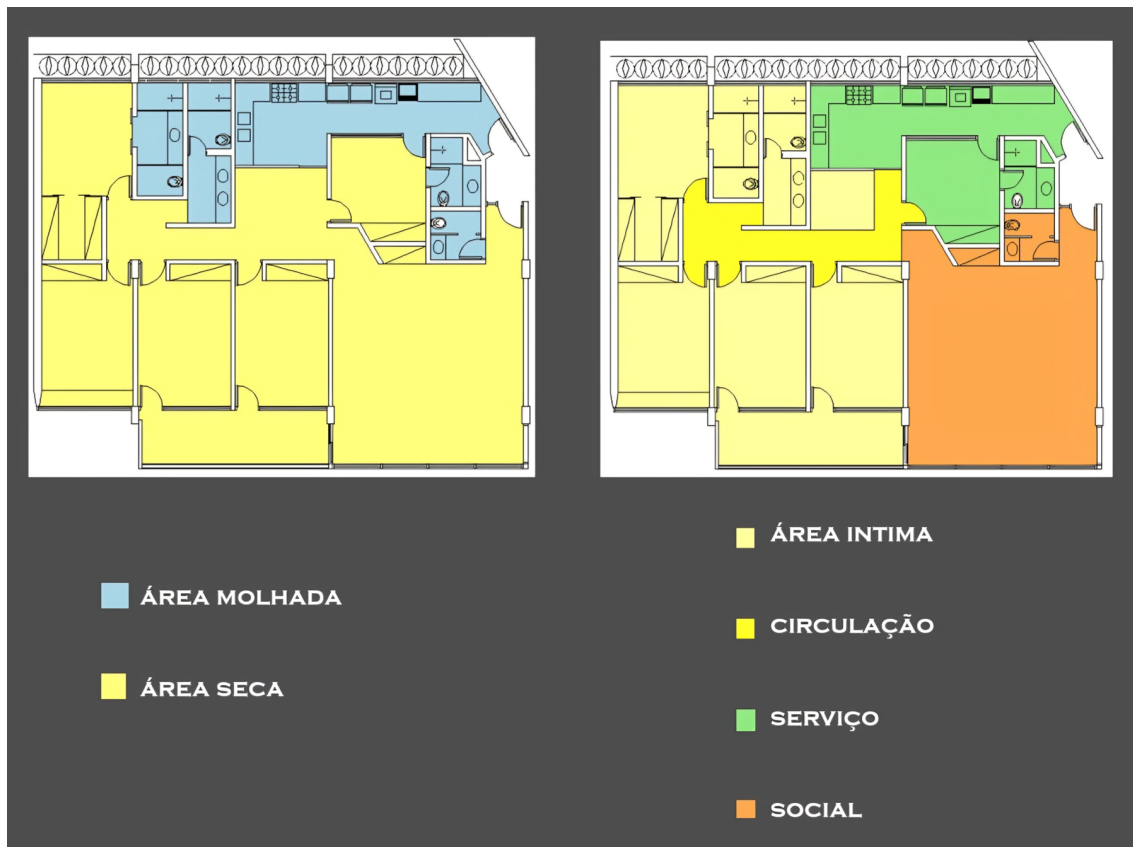
Foram utilizados ainda deslocamentos horizontais de alguns módulos para fugir-se a prédios muito longilíneos, trabalhando avanços ou recuos nas suas fachadas. Assim, os 6 blocos não são idênticos em planta baixa.

2.3.7 - Utilizou-se a mesma orientação para as fachadas sociais e a mesma orientação para as fachadas de serviço, com estacionamento e rua no meio entre os blocos; as entradas de garagens se encontram sempre nas extremidades de cada bloco de edifício.

Não foi utilizada a clássica solução de colocar-se dois blocos longilíneos e paralelos com um estacionamento no meio, ficando as fachadas sociais voltadas para o exterior e as fachadas de serviço para o estacionamento; preservou-se a mesma orientação para as fachadas sociais e a mesma orientação para a fachada de serviço, com o estacionamento e/ou rua entre estes blocos.

2.4 O projeto arquitetônico e seu processo construtivo

2.4.1 Quanto aos espaços arquitetônicos pensados, todos aprovados pela direção da UnB. Também quanto aos espaços arquitetônicos, modulados agrupando apartamentos de 2 e 4 quartos junto a uma torre vertical, bem como e apartamentos de 3 quartos junto a outra torre, foi bem compreendido e aceito.



Figuras 8 e 9: Análise de Cunho Hídrico, à esquerda; e Análise de Cunho Social. Fonte: Slyde 11 do PP de Soares, Alice D.; Maciel, Ana C. P.; e Ramos, Carolina D. (): in: “Iconografia dos Edifícios em Altura: Colina Nova, Edf. Guaimbê e Residencial Wohnen Am Lohbach” – Trabalho inicial apresentado à disciplina Projeto Arquitetônico – Edifício em altura, prof. Paulo M.P. de Oliveira.

2.4.2 Já quanto ao processo construtivo, a proposta de um projeto com inovação construtiva mais radical não vingou da forma como pensada, apenas foram colocados elementos da arquitetura pré-fabricados, com inovações parciais, como os quebra-sóis horizontais e verticais. Julgo que os motivos de seu impedimento abrangente foi a urgência em se retomar a democracia interna e externamente à UnB naquele momento, além da ainda pouca motivação pela inovação na arquitetura e engenharias – a colina do João Filgueiras Lima, com os blocos A, B, C e D que contou com o processo de construção pré-fabricada na própria obra, tinha sido interrompida pela ditadura que atingiu a universidade muito fortemente. Ao abraçar este projeto achava que teríamos que voltar a continuar a pesquisar processos construtivos e arquitetônicos não repetindo o que já tinha sido feito décadas atrás, mas, evoluindo para que com o sucesso da pretensão, tivéssemos o que colocar à disposição da sociedade visando contribuir com o problema da habitação popular. Na época, a ênfase na inovação ainda não tinha sido incorporada à sociedade brasileira. O próprio Ministério da Ciência e Tecnologia ainda não trazia a inovação no seu nome, e só anos depois passou a ser contida no seu nome e âmbito de preocupação como temos hoje.

Já quanto ao processo construtivo, apresentado inicialmente com a justificativa que precisávamos desenvolvê-lo para gerar os novos apartamentos, mas, também oferecer à sociedade novas soluções que ajudassem o problema da habitação. Fiz até maquete para explicar o processo construtivo que havia concebido, mas, na hora de aprovação do projeto pelo reitor/conselho diretor respaldados por engenheiros do movimento democrático na UNB, foi proposto que eu fizesse 5 edifícios no processo construtivo tradicional e apenas 1 edifício no novo processo pré-fabricado. Ponderei, vendo que não haveria economia de escala em se construir apenas um edifício pré-fabricado, além de provocar consequentes comparações descabidas entre os dois processos, trazendo uma visão negativa o novo processo. Assim, decidi que era melhor construir pelo processo construtivo tradicional, embora com muitos elementos pré-fabricados, como quebra-sóis horizontais e verticais, esquadrias etc.

2.4.3 A percepção dos espaços urbanos no interior do desenho urbano em projeto, o “efeito paralaxe” foi aquilatado com o uso de um simulacro de periscópio usado nos submarinos, a partir de uma sonda de uso médico. Este método foi-me sugerido pela arquiteta paisagista Nícea Paes Bormann, na época professora da FAU, tendo ela mesmo emprestado esta sonda. Na verdade, era um mini periscópio de uso invertido: o observador ficava “aéreo”, acima da maquete e o visor do mini periscópio - simulando o olho do observador urbano no caminho especulado para o pedestre. Podia-se ainda anexar o visor de uma câmera fotográfica, para se registrar pontos visualizados dos caminhos urbanos, no caso, de uma maquete de estudo confeccionada em madeira maciça. Visualizava-se o posicionamento dos módulos e avaliava-se visualmente os efeitos paralaxe esteticamente produzidos e suas conveniências naquele projeto. Infelizmente, por economia de recursos, este estudo não foi registrado pela câmera fotográfica. Saliências e reentrâncias tiravam a monotonia da linearidade dos blocos.

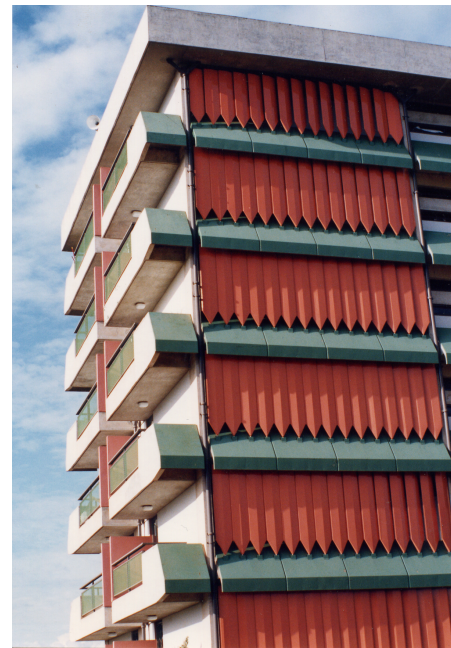
2.5 Quantitativos de unidades residenciais e condicionantes ambientais

2.5.1 - Foram requisitados pela UnB, um total de 375 unidades residenciais, tendo então optado por: 60% dos apartamentos de 3 quartos mais dependência de serviços completa; 20% de apartamentos de 4 quartos mais dependência de serviços completa; e 20% de apartamentos de 2 quartos mais dependências de serviço completa. Entretanto, para dar maior flexibilidade de uso e prevendo avanços sociais, o quarto de serviço pode ser utilizado também para outra finalidade, como ambiente de trabalho ou até mesmo abrigar membro da família, porta alternativa ligada ao corredor dos quartos.

Apartamentos	Total	375 + 6
	%	
3 Quartos	60	225
2 Quartos	20	75
4 Quartos	20	75
Apartam. zeladoria	1 por edifício	6

Quadro 1: números de apartamentos

- Orientação das 2 fachadas principais para NE-L e SW-W.
- Controle do sol e luz das fachadas com elementos horizontais e verticais na fachada. O último andar, tem um beiral como elemento horizontal de proteção solar (solução de beirais inusuais em edifícios de Brasília, exceção utilizada apenas em palácios);
- Elementos verticais de controle do sol sendo móveis, de rotação manual nas fachadas SW-W; apoios horizontais em chapa de concreto armado inclinada, apoiando elementos verticais de chapa metálica dobrada.



Figuras 10 e 11: Controladores de Sol horizontais e verticais nas Fachadas NW-W de dois edifícios, vendo-se no da direita varandas e, também floreiras visando controle do sol na empena (arquivo do autor).



Figura12: Vista do Bloco E vendo-se á direita fachada NE-L, com controles horizontais, como beirais, placas verdes pré-fabricadas horizontais e varandas. E na fachada SE-S à esquerda, sacadas e floreiras. Arquivo do autor.

- Tipo de apartamento: foi adotada a solução de apartamentos vazados em planta, permitindo a captação prioritária dos ventos SE, predominantes em Brasília.
- Utilizou-se o parâmetro de 15 m² por habitante residencial para determinação da área de cada unidade habitacional. É preciso observar

que um professor na época sempre possuía sua biblioteca física particular em casa e, quando possível, um quarto era utilizado para isso. Um professor/a, que lecionava música, possuía também instrumentos musicais como um piano de cauda na sala de casa (conheci e até tive aulas de piano com uma professora do departamento de música).

- O silêncio ambiente desta área residencial trouxe um “problema”, pois o nível de ruído ambiental na Colina era “rural”. Deste modo, os ruídos locais eram bem mais perceptíveis (brigas familiares ou entre vizinhos, por ex.) do que os de trânsito, faltando a possibilidade de seu mascaramento pelos ruídos do entorno “urbano”. Entretanto, as paredes entre unidades residenciais são de 1 vez, em vez de um só tijolo (1/2 vez), justamente para promover maior isolamento sonoro; as lajes de piso entre unidades verticais, originalmente eram revestidas por emboço e reboco para também aumentar o isolamento vertical, posteriormente, para reduzir os custos e diminuir o prazo construtivo, ficaram sem emboço/reboco, aderindo à estética já incorporada a vigas e pilares de concreto aparente.



Figura 13: Planta Índice de 37 fotografias tiradas na Expansão das Residências Funcionais da Colina – UnB em páginas seguintes.

2.6 Identidade Visual e conceitual

– Linguagem de arquitetura que não fosse pastiche. Próximo de prédios icônicos da arquitetura residencial pré-fabricada, além da relativa proximidade dos edifícios do plano piloto, seria mais fácil espelhá-las. Em vez disso, buscou-se delinear sua própria identidade a partir da demanda de

uma clientela específica, mas, que resultasse da sua própria concepção e viabilização construtiva; e não do diferente por ser diferente. Uma arquitetura expressão do momento histórico de uma universidade no momento de retorno à democracia, expressando potencialidades e limitações de sua época. Aproxima-se do sustentável e economicamente viável que tece uma gama de espaços funcionais típicos de residências emolduradas por um conjunto de elementos intermediários entre o exterior e o interior que trabalham os materiais tridimensional e plasticamente, visando o controle do clima constituído por temperaturas do ar, ventos, da luz, da umidade/águas e chuvas, sons indesejáveis e a paisagem circundante (que a minha janela permite olhar?). Tudo isso em busca do conforto ambiental e visual destas moradias.

- A linguagem da leitura urbana da colina nova também tem propósito, o de diminuição da monotonia visual de edifícios lineares muito longos, através da divisão dos blocos mais longos em módulos que avançam ou recuam do espaço público, exploração assim o *efeito paralaxe* - efeito visual que movimenta as superfícies das fachadas, ora salientando, ora escondendo, ora fazendo sumir visualmente alguns trechos das fachadas para o observador em deslocamento na rua. O deslocamento a pé, faz diminuir a velocidade do efeito paralaxe; o deslocamento de carro, aumenta a velocidade deste efeito visual; também o ir e o voltar modificam a leitura visual de suas edificações como conformadoras que são do espaço público resultante.

- A vegetação da Colina Nova foi em grande parte colocada por leigos, pois, infelizmente não foi feito um projeto paisagístico.

FOTOGRAFIAS DA COLINA, referentes aos 37 pontos assinalados na Planta Índice – fotografias colhidas dia 21/05/2026, das 14:24 (F1) às 15:57 hora (F37). Colaboração do Ícaro R. Seleme



F 1 – Entrada viária da Colina e ligação com o campus acadêmico.



F2



F3



F4



F6



F5



F7



F8



F9



F12



F13



F14



F15



F16



F18



F19



F20



F17



F21



F22



F23



F24



F25



F26



27



F29



F28



2.6 Aspectos físicos da arquitetura

- Deslocamento das calhas para recolhimento das águas pluviais da cobertura para as extremidades das fachadas NE-E e SE-S; com isso, foi possível colocar telhas de alumínio entre (9 e 11m) levemente arqueadas com local mais alto do arco onde seria a cumeeira. Com isso, minimiza-se a possibilidade de infiltrações no meio dos edifícios, visto que as calhas estão em balanço nas suas fachadas maiores.

- No térreo ao longo da fachada SW-W existe uma calha embutida no piso externo ao bloco, visando desviar as águas pluviais que correm de NW (L3) para SE para as extremidades do bloco e daí retomarem sua direção da pendente.

- Esquadrias e elementos verticais de controle do sol em aço, em vez de alumínio (falta de manutenção já conduz à necessidade de serem substituídos); na época, esquadrias de alumínio eram muito mais caras relativamente a esquadrias de aço simples.

Observar que os blocos H e I foram contemplados com certa transparência horizontal junto às torres de circulação para garantir mais circulação dos ventos SE em direção aos edifícios do outro lado da rua.

2.7 Condicionantes estético-visuais

- Cores utilizadas nas fachadas sobre superfícies metálicas ou sobre placas de concreto, em cores que sofressem menos alterações de tonalidade ao longo do tempo (na época tive a consultoria de Athos Bulcão). Estas cores esmaeceram com o tempo, mas, não mudaram de tonalidade. Também já merecem renovação de pintura.

- Massa de Vegetação de porte maior – árvores, em uma das extremidades da rua e fechamento visual produzido pela inclinação do último edifício em direção ao NO, produzindo um espaço de certo modo fechado, a nível de espaço urbano.

2.8 Condicionantes urbanas

- Criar uma distância visual entre a colina antiga e a colina nova, por uma condição temporânea visando amenizar os ruídos da construção para a Colina Antiga, ao mesmo tempo sendo um espaço de convivência para os habitantes dos dois conjuntos habitacionais.

- O gabarito de altura maior (6+1) em relação à colina velha (3+1) é possibilitado urbanisticamente ainda pela maior distância da CA – dos novos edifícios em relação ao lago, seguindo uma linha ascendente de altura como acontece com a própria pendente do terreno.

2.9 Construção dos seis edifícios residenciais

Sua construção foi realizada por 5 construtoras trabalhando ao mesmo tempo; somente uma construtora foi autorizada a construir 2 edifícios. Tudo para que os edifícios de expansão residencial de moradias funcionais da Colina terminasse em tempo hábil para que o reitor pudesse inaugurá-los ainda em seu mandato de reitor da UnB.

3.0 Bloco K - Alojamentos para alunos de pós-graduação na praça da Colina do Campus Darcy Ribeiro na UnB

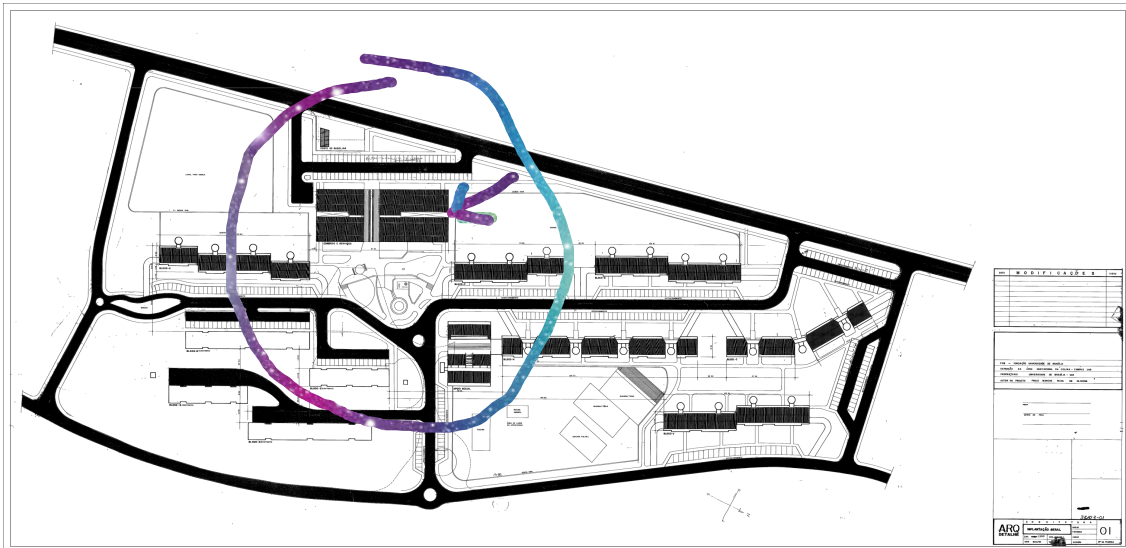


Figura 14: Localização do Alojamento de alunos da PG na praça da Colina, mas, não ainda na forma definitiva

3.1 Introdução:

Atendendo às reivindicações de alunos de pós-graduação – portanto, já graduados anteriormente, advindos de fora de Brasília e que não tinham condições de se estabelecerem nas proximidades do campus Darcy Ribeiro na época, entre outras coisas por terem que se dedicar integralmente aos estudos e os aluguéis sendo impraticáveis, reivindicaram à universidade a construção de alojamentos próprios no próprio Campus.

Circunstâncias de sua construção: passado o período inicial da UnB na “nova república”, um bloco específico, mas, localizado na Colina e não junto ao CO onde fica a CEU – Casa do Estudante Universitário.

Foi posicionado na praça da Colina, onde antes tinha sido pensado o prédio só de Comércio e Serviços. Foi de parecer que a Casa do Estudante de PG – bloco K -, ficasse junto ao conjunto de comércio e serviços; apenas passaria a ter 3 pavimentos e conteria 4 alas, sendo a primeira ala a ser construída composta de 18 unidades de alojamentos, 6 por cada pavimento.

A justificativa de serem instalados na Colina e não junto ao Centro Olímpico, era fundada na necessidade de dar mais possibilidades de concentração e foco nos estudos de 3º nível, mais afeitos à proximidade com professores. Os próprios alunos solicitaram isso.

3.2 Referencial Teórico:

- CEU – Casa do Estudante Universitário junto ao Centro Olímpico da UnB; é composta por 2 blocos projetados em 1968, construídos em 1970 e inaugurados em 1972. Seus arquitetos foram Léo Bonfim Júnior, Alberto

Fernando Xavier, e Sólton Leão P. de Souza e paisagismo de José Paulo de Bem.



Figura 15: Fotografia de um dos 2 blocos do CEU - Casa do Estudante Universitário da UnB. Fonte: Universidade de Brasília. Arquivo Central. AtoM UnB. Disponível em: <https://atom.unb.br/index.php/00037-04>

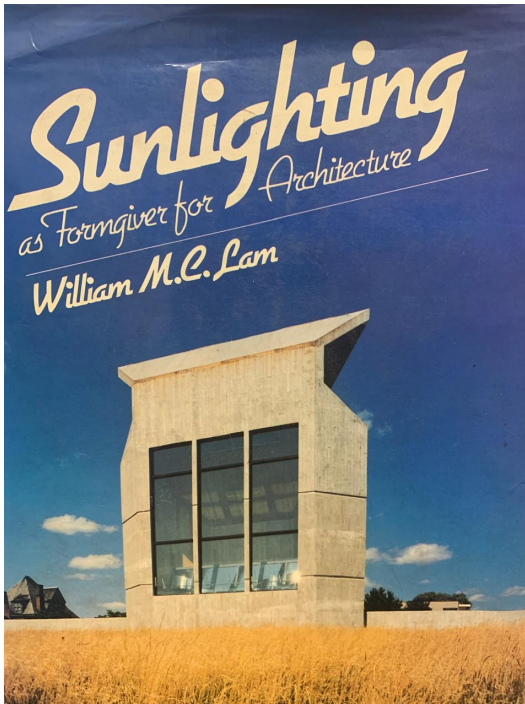


Figura 16: capa do livro de Lam,W.M.C (1986): “Sunlighting, as Formgiver for Architecture”.

- Lam, William M.C. (1986): “Sunlighting: as Formgiver for Architecture”. New York, Ed. Van Nostrand Reinhold Company, 464 p. il.
- Stockton, James (1984): “Designer’s Guide to Color”. San Francisco, Chronicle Books.

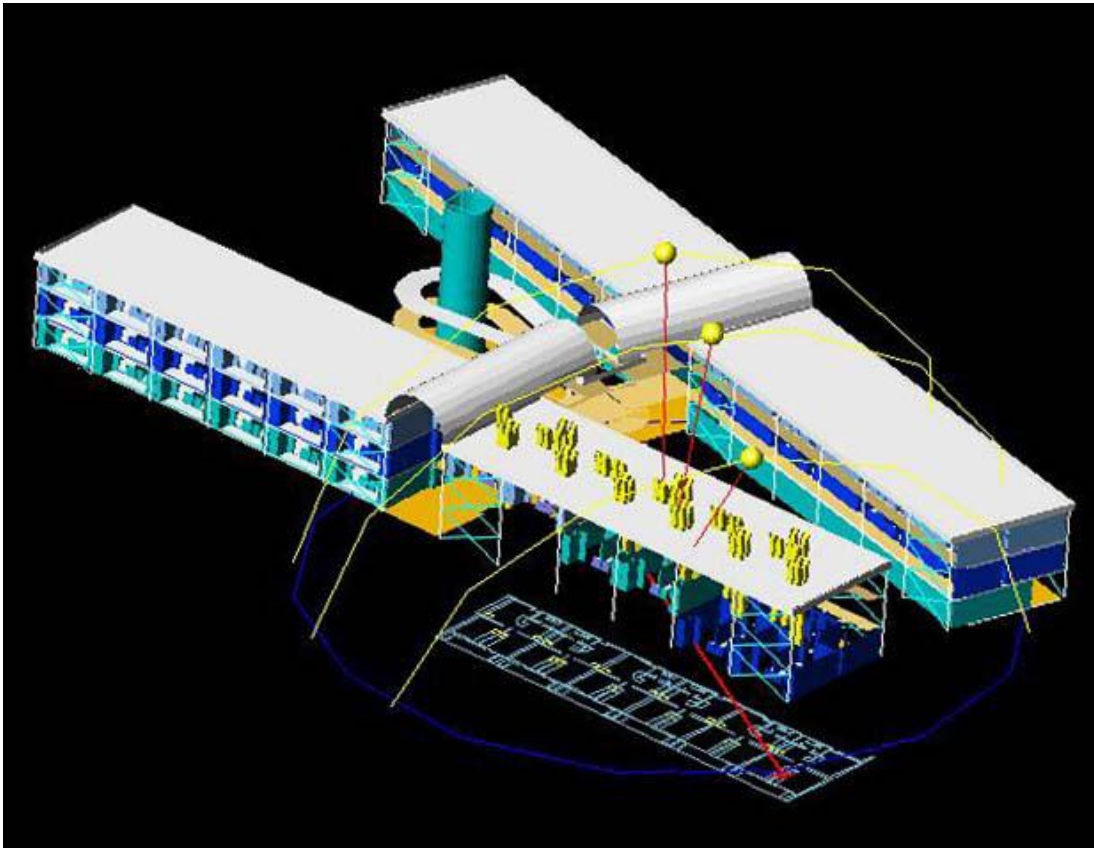


Figura 17 – fotografia de Maquete Eletrônica 3D do Alojamento de Alunos da PG na Colina Nova, elaborada por PMPO em AUTOCAD, em Barcelona 1995; nela destaco a captação de luz solar nos solstícios e equinócios, além de visão do Castelo d’água com rampas (ainda não construídos).

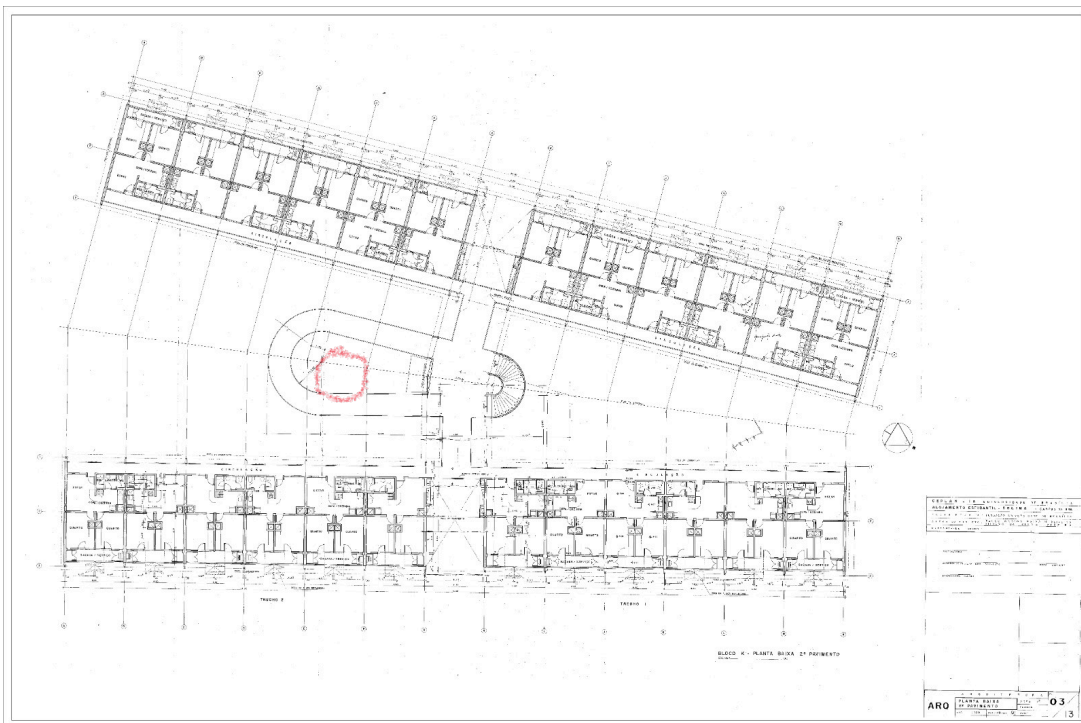


Figura 18: Planta Baixa 2º Pavimento do Alojamento Alunos da PG . Colina UnB

- 3.3 Solução programática do bloco K- Bloco de 3 pavimentos em 4 alas, com alojamentos, comércio e serviços distribuídos conforme a ala.
- Inicialmente foram pensados 4 alas de alojamentos, sendo a ala A com 18 unidades em 3 pavimentos. E a ala B com 12 unidades de alojamentos, sendo 6 alojamentos nos pavimentos 2 e 3; e comércio e serviços no térreo; alas C e D podendo ter somente térreo com comércio e serviços ou ter mais 2 pavimentos somente com 12+12 alojamentos nos pavimentos 2 e 3 das Alas C e D. Inicialmente foi construído apenas ala A, mas, já com infraestrutura de escadas para todos os pavimentos e alas. Cada alojamento possui sala de estar, copa-cozinha, 2 quartos, banheiro composto de lavabo, boxe de chuveiro de uso independente e boxe de sanitário também de uso independente. Inicialmente foram pensadas quatro alas de alojamentos; inicialmente, só 1 ala foi construída como ainda está hoje.
 - Também uma caixa de escadas e rampas que atenderiam a todas as alas, por enquanto construídas somente as escadas; e
 - Um castelo d'água também para atender às quatro alas, ainda não construído; daí o problema de ter que serem colocadas recentemente caixas d'água "provisórias" de plástico azul na cobertura em virtude de um ano de escassez de água no DF. *Obs. Todos os blocos residenciais de professores e técnicos possuem caixas d'água de concreto.*
 - Varandas funcionais nos dois quartos, dotadas de armários envidraçados com uma janela interior dando para cada quarto, visando umidificação natural dos quartos a eles ligados, uma vez que cada armário é ocupado por tanque lava-roupas e estendedores de roupas. *Obs. Infelizmente, por economia a universidade resolveu não instalar estendedores de roupa no interior dos armários, levando os alunos a utilizarem cordas de nylon para pendurá-las, o que fornece um certo ar de quintal de vila – ou favela...*



Figura 19: Vista da cobertura vendo-se as bocas dos dutos de luz e sol, com os captadores especulares conduzindo a luz/sol para dentro dos dutos revestidos de espelhos/alumínio em papel ou pintura aluminizada, até o interior dos ambientes dos alojamentos de alunos da PG nos 3 pavimentos.

- Na cobertura do bloco foram pensadas estruturas de espelhos para captação de luz natural que descem por túneis conduzindo a cada pavimento LN nas bancadas dos quartos, cozinha e sala. *OBS. Infelizmente, os usuários parecem estudar até a madrugada e assim, vedam as bocas dos dutos com papelão para não serem acordados muito cedo com o nascer do sol, segundo fui informado.*



Figura 20: Fotografia de Luz Natural entrando por um duto de Luz e Sol sobre a bancada da cozinha, logo após a construção. Acervo do autor

- Corredor(es) de acesso aos alojamentos a partir dos vestíbulos cobertos das escadas.

- Espaço de convivência coberto e com vista para a Praça da Colina, no 3º pavimento, ao mesmo tempo que serve de passagem para escadas e corredor(es).



Figura 21: Vista interior de cozinha ao fundo, bancada de refeições e parte da sala, luz natural chegando por duto de LN no ambiente da cozinha; vê-se à direita trincos das portas que abrem para os dois quartos do Alojamento de alunos da PG na Colina. Fotografia tirada dentro de maquete hiper-realista, confeccionada por alunos de graduação em disciplina optativa do Prof. Paulo M. P. de Oliveira. Acervo do autor.

3.4 Solução estrutural do edifício

Optamos por solução em estrutura metálica, em vez de concreto armado. Cada módulo de alojamento completo – com 2 quartos, banheiro, cozinha e sala de estar, além de corredor de acesso e varanda dos quartos, estavam contidos no módulo estrutural suportado por quatro pilares em X e 2 vigas de maior longitude com extremidades engastadas na parte aberta do X ligando diretamente pilar a pilar e vigas transversais ligadas com as vigas de maior longitude. Infelizmente, por problema de equívoco no cálculo estrutural – não no pré-dimensionamento arquitetônico do arquiteto -, os pilares que antes eram de perfil em X passaram a ser escondidos em concreto armado, de perfil cilíndrico com o antigo X ficando em seu interior, para evitar-se a flambagem dos pilares em X de perfil mal dimensionados pela engenharia.

Obs.: Lembro-me que o engenheiro calculista chegou até mim mostrando-me as plantas e afirmando que pelos seus cálculos os pilares em X deveriam ser mais delgados do que eu havia pensado e se engrossava-os por questões estéticas minhas ou se reduziria estas seções que assim

ficariam mais econômicas por menor consumo de aço. Falei-lhe que aceitaria a verdade estrutural. Assim, quando se estava desenformando um dos andares da construção, os pilares começaram a flambar; rapidamente voltou-se a escorar a construção e veio o problema para mim que resolvi envolver os pilares em X por concreto armado, dando-lhes assim uma feição cilíndrica fazendo assim que o edifício ficasse com estrutura mista de concreto armado e aço.

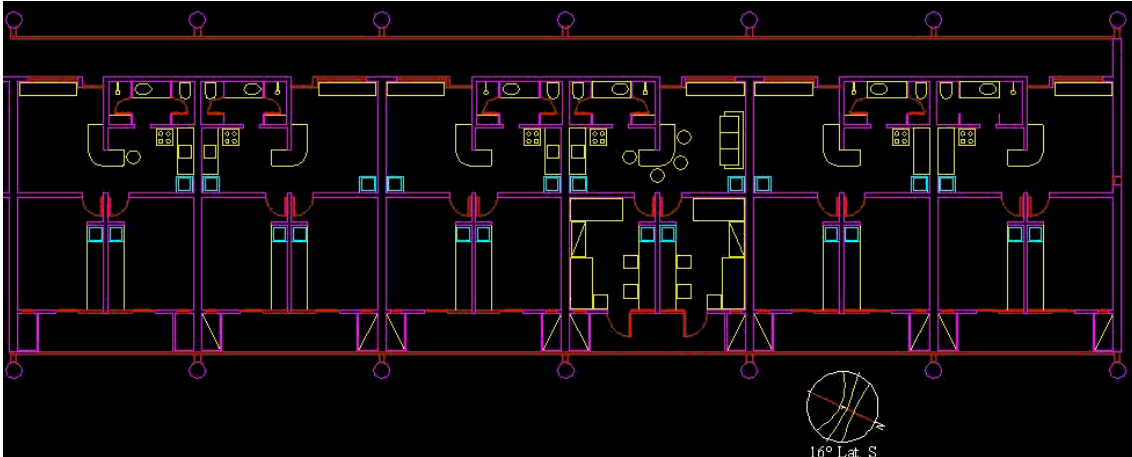


Figura22: Planta baixa de com unidades de alojamentos de um pavimento na ala A do bloco K já construída. Pode-se ver os pilares cilíndricos circulares em planta, que surgiram já quando da construção da primeira ala; antes estes pilares eram metálicos em forma de X em planta. As vigas avançam e são engastadas nos pilares, em balanço sobre a circulação e varandas. Vê-se ainda a carta solar resumida na direita inferior da imagem.

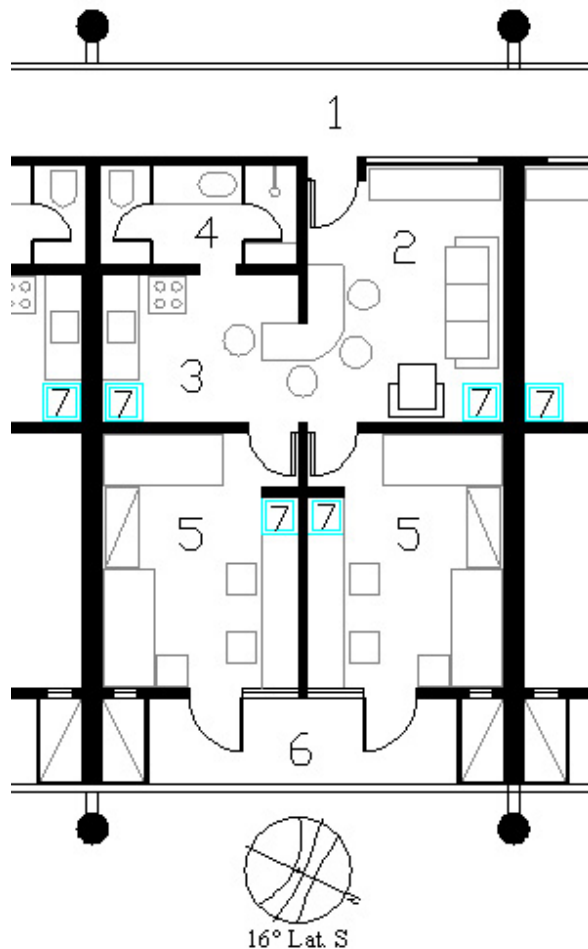


Figura 23: Planta baixa de um alojamento típico de alunos da PG, com representação de mobiliário
1 Corredor de acesso aos alojamentos
2 Sala de estar
3 Cozinha e copa
4 Lavabo, box banho e box sanitário
5 Quarto para dois alunos
6 Varanda com dois armários de vidro aramado, ocultando em um uma pia de lavar e no outro, secadores de roupa atirantados.
7 projeção da boca dos dutos de luz e sol.

- 3.3 A qualidade dos ambientes internos foi pensada para garantir-se a ventilação cruzada nos alojamentos, dispendo de entrada controlada dos ventos predominantes de SE-L e saída pela fachada contrária por janelas da sala e do lavabo; luz natural durante o dia através de janelas e dutos de luz e sol.
- 3.5 Prevendo manutenção nos dutos de espelhos com entradas de LN/sol na cobertura, foram previstas torneiras de água na cobertura para lavar os espelhos coletores de luz natural. E acesso a essa cobertura por meio de escada de marinheiro a partir do exterior das escadas de acesso.

4.0 “AVALIAÇÕES PÓS-OCUPAÇÃO ASSISTEMÁTICAS” - relatos de vivências ouvidas de moradores da Colina em vários momentos. E, também, de vivências e ponderações do autor na e sobre a Expansão da Colina em vários momentos.

- 4.1 Avaliações e ponderações sobre os edifícios de habitações em altura para professores e técnicos administrativos:

- Confesso a alegria de ter convivido com o colega arquiteto e professor Jaime Golubov, que dá nome a esta sala prevista para esta palestra. Ele morou e faleceu em um apartamento da Colina nova. Antes de vir para Brasília eu já ensinava Desenho Descritivo pelo método dele no Curso de Arquitetura da UFRN, cujo método havia sido publicado em livro pela editora da UnB. Conteí para ele quando ficamos colegas na FAU. Alguns anos depois, ele aceitou contribuir com um painel geométrico que lhe pedi fosse transparente ao vento servindo de divisória entre ambientes para o projeto do concurso do CREA-DF em que obtivemos o primeiro lugar.

- Em conversa com o arquiteto e professor Paulo Magalhães – ilustre profissional na prática profissional e que entre outros projetos foi autor do plano de expansão da cidade de Planaltina do DF, quando já morador da Colina nova, contou-me que gostava muito de morar em um apartamento da Colina nova e me parabenizou. Eu conteí para ele que coincidentemente morei em um apartamento na 406 Sul cujo prédio foi projetado por ele para funcionários do Banco do Brasil e que tinha gostado muito. A estética do bloco com imensos balanços em suas extremidades e cobogós fechando a área de serviço estavam bem.

- Um dia, uma colega professora da FAU, departamento de Tecnologia da Arquitetura - agora também aposentada -, advertiu-me que tinha feito uma solicitação ao setor de aluguéis de imóveis da UnB tendo justificado o pedido; poucos dias após, a solicitação chegou-me em mãos: respondi que não via problema que a professora pudesse customizar pintando o concreto aparente nos locais apontados, pois, para ela ficaria assim mais confortável, concordei, mas, pedindo que ao sair do imóvel deixasse como havia encontrado, como é a praxe no mercado imobiliário.

- Outro dia, uma professora do departamento de História – também já aposentada, contou-me que teve dificuldades de encontrar um apartamento para comprar em Brasília, porque estava tendo por parâmetros os apartamentos da Colina nova onde morou; não deu detalhes, nem lhe perguntei, porque dizer aspectos positivos de algo para críticos de história da arquitetura certamente seria confessar uma certa fragilidade para ela.

- A lembrança que tenho da aluna Glorinha que era presidente do Centro Acadêmico da Arquitetura e que estagiou comigo – vários alunos fizeram isto, inclusive uma outra aluna que alguns anos depois tornou-se professora do Instituto de Artes -, quando eu estava concebendo em Estudos Preliminares dos edifícios habitacionais da Expansão da Colina. Ela era muito compreensiva e perspicaz uma aplicada nordestina do Piauí e destacada na política estudantil. Suas observações ao trabalhar em um determinado edifício, levou-me a excelentes definições. Sempre quis reencontrá-la ou saber notícias dela, mas, isto infelizmente nunca aconteceu.

- Um dia, aceitei o gentil convite de um professor do departamento de História da FAU – também já aposentado -, para almoçar no seu apartamento; foi muito interessante ter visto como se apropriou dos espaços, os móveis que usava, os adereços etc. Ver o lavabo e banheiro social com a porta veneziana de madeira no começo do corredor, a cozinha etc. E ele gostava muito de lá morar, de como o sol

entrava na varanda filtrando e diminuindo a luz que chegava na sala e que nunca precisou usar cortinas. Fiquei feliz.

- Outro dia, uma funcionária da secretaria da direção, contou-me sua história morando em um apartamento da Colina com sua família; mas, um dia mudou-se para o plano – sabe aquele “desejo de mudar” de que fala uma canção popular? Mas, estranhou muito a nova moradia; não sossegou até que conseguiu voltar para morar na Colina nova em um apartamento com vista para o Campus e para o lago por cima da colina do Lelé, e os horizontes além. Ela estava feliz em ter voltado e eu fiquei feliz por ela e sua família.

- Amante da música e do piano desde criança, durante um tempo, tive aulas em um piano de cauda da profa. Mércia Pinto do departamento de música do Instituto de Artes da UnB. Ela morava na colina junto a seu marido, o colega e ex-diretor da FAU, professor Frank Svenson que também era pernambucano - e eu lembrava de uma bela igreja evangélica toda no concreto aparente, projetada por ele antes de vir para UnB, sido exilado político e reintegrado a FAU, anos depois, o prof. Frank Svenson. Foi muito bom ver a sala de um apartamento de 4 quartos apropriada por uma música e de ouvir a ressonância do concreto do teto, do tapete sob o piano e absorções dos sofás e demais móveis. Acho que também foi em seu apartamento onde vi o lugar de estar de seu gato; julguei que este lugar era mais aquecido pela placa inclinada de concreto.

- Durante a pandemia da Covid, quando tínhamos que fazer a higienização assim que entrávamos no apartamento, senti falta de ter um lavabo junto a porta de entrada, para ali poder até trocar a roupa usada na rua e que na colina tinha desenhado estes lavabos junto à entrada; afinal, meu professor Delfim Amorim, um português fugido do ditador Salazar, costumava dizer que uma casa sem lavabo junto à entrada, era um chiqueiro.

- Ainda sobre o tempo de COVID, soube que uma professora residente na Colina, dava orientação a alunos de pós-graduação em uma mesinha na varanda e usando máscaras. Pensei que as varandas estavam sendo úteis até para funções que nem tinha imaginado antes.

- Morar bem não é só ter um teto, mas, desfrutar do conforto continuado na vizinhança, no bairro e na cidade. É o caso da falta de alguns equipamentos na Colina que na planta inicial já estavam previstos e nunca foram construídos.

- Também tenho observado – e a fotografia panorâmica que o caro arquiteto e aluno de mestrado arquiteto Ícaro gentilmente tirou para mim. Mostra a amplidão do vazio ao lado direito da entrada viária onde deveria existir edificação do Apoio Social – quase um clube -, pensado para ocupar 3 Salões de festas, academia, piscina, churrasqueiras, quadras de esportes e espaço para simplesmente levar sol. Este projeto já foi feito a 40 anos atrás, constando dos arquivos do CEPLAN como constatei recentemente. Infelizmente, os moradores parecem que não sentem falta e talvez nunca tenham reivindicado. Este Apoio Social, foverceria o convívio social e de subsistência da comunidade colinense e, como mostra a planta geral da Expansão, ajudaria a conformar a praça forma geometricamente mais bem definida. Como também está faltando ao menos uma outra ala do alojamento de alunos da pós ficando no térreo comércio e serviços, e novos

alojamentos nos 2 andares superiores. Além de contribuir para melhor definição da praça da Colina.

- Ainda faltam também os equipamentos da praça, como um coreto acusticamente e plasticamente mais adequado, e uma fonte feita com simples esguinxo de água controlável, tendo envolta uma superfície circular pavimentada para a água refluir a ralos junto ao centro e com um banco circulando esta fonte para os pais ficarem cuidando das crianças brincando principalmente no tempo da seca em Brasília; não custaria quase nada e aumentaria a qualidade de vida dos colinenses.
- Quanto às esquadrias metálicas de todos os blocos, começaram de a muito a enferrujar e dar muitos problemas de manutenção. Foram colocadas de aço e não de alumínio anodizado por questões econômicas, uma vez que na época o preço do alumínio era muito mais caro. Hoje, deveriam ser remanejadas por esquadrias de alumínio anodizado na cor morrón avermelhado, próxima da cor ferrugem.
- Também houve um problema na esquadria metálica da sala dos apartamentos de 4 quartos, onde uma das folhas de correr teve design equivocado que só fui perceber já fiscalizando a obra; o problema foi gerado na etapa de detalhamento e não de fabricação; hoje, ao trocar por esquadria de alumínio anodizado, corrigiria o detalhe de duas de suas folhas de correr.
- Faltam ainda os playgrounds perto para a primeira infância das crianças junto aos edifícios e que também foram pensados, mas, também ainda não implantados. Pelo que vejo nas fotos existe já um playground implantado junto do que seria a área externa do Apoio Social. Será que a Colina tem um prefeito ou encarregado? Seria ótimo que esta conversa chegasse até ele e seus vizinhos.
- A surpreendente descoberta da Colina num filme sobre a famosa banda “Legião Urbana”, cujos componentes costumavam frequentá-la e onde foi feito um de seus shows ao vivo.
- Também o Correio Braziliense fez em um fim de semana uma reportagem de página dupla com fotos coloridos dos edifícios e eu estava em algumas delas a seu pedido, apontando que era um conjunto de edifícios referência de Brasília à época. Também o portal Metrôpoles fez referência à colina nova em uma reportagem destacando-a.
- Também tenho memórias de vivências que ocasionalmente tive na Colina do Lelé, mas, não cabem aqui no momento.
- Já há algum tempo que as fachadas dos edifícios precisam de restauração. Como ainda não ameaçam cair, parece que a restauração não vem. Quase 40 anos sem pintar a fachada de uma casa, é normal? Claro, estou considerando que o interior dos edifícios está sendo restaurado continuamente, porque alguém que mora lá exige ou na devolução do imóvel o serviço patrimonial da UnB exige.
- A vegetação da Colina foi em grande parte por moradores voluntariando-se, e o resultado não é, a meu ver, tão adequado por quase invadirem os apartamentos. A árvore é um ser vivo e nela e em volta dela cria-se um microcosmos com insetos, como cigarras e pernilongos. Quando os galhos de uma árvore encostam na janela, junto com ela vêm as cigarras e pernilongos. Uma vez já tive problemas com cigarras dentro do apartamento “cantando” quando queria dormir. E outra vez tive invasão de pernilongos que fugiram da copa de uma árvore encostada na

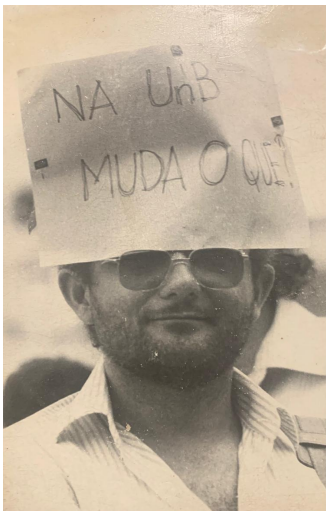
fachada por uma janela meio aberta, enquanto chovia forte lá fora. Não encostar árvores na moradia por dois motivos: vulnerabilidade em relação a insetos e quando em uma tempestade de ventos a árvore for derrubada sobre a moradia trazendo prejuízos materiais ou até humanos. Um Projeto Paisagístico poderia prevenir estes problemas; além de se afastar da ideia inicial de um Pomar no quintal dos edifícios da Colina.

4.2 Avaliação pós ocupação não sistemática, sobre o Alojamento de Alunos da PG na Expansão da Colina e demais usuários.

- Seria ótimo que mais uma ala do bloco A fosse construído para conter no térreo comércio e serviços, os alunos moradores merecem e todos os usuários da Colina também. Só uma banca “de jornal” nunca foi suficiente. Às vezes, fico pensando que alguns aspectos do “Minha Casa, minha Vida” deviam ser adotados na colina. Uma vantagem já tem: todos têm a varanda do “pum” como reivindicou um dia um certo presidente. Agora, falta uma área de lazer com churrasqueiras (lá no “minha casa minha vida” já tem) e comércio próximo. Morar bem como se merece não termina em se ter um teto, mas, em ter também acesso fácil a comércio e serviços na vizinhança próxima, ou seja, a pé.

- Mais alunos de PG poderiam morar na Colina. Por exemplo, alunos de PG que moram nas administrações regionais distantes do Campus Darcy Ribeiro, alunos de pós-graduação oriundos de países da América Latina etc.

E quarenta anos depois dos tetos, quando teremos um “Minha colina Minha vida” e um verdadeiro bairro com padaria, self-service, farmácia, cafeteria, frutaria, lavanderia etc.



Fotografia publicada na capa do Correio Brasiliense quando foi nomeado o novo Ministro da Educação da Nova República.



Seria melhor aprimorar a Colina para bem-estar dos moradores colinenses e seus visitantes.

